

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	14, 03, 88
cod	K450000.3

## Pontos de vista sobre os índios brasileiros: um ensaio bibliográfico\*

*Anthony Seeger\*\*  
Eduardo Viveiros de Castro*

A bibliografia sobre as populações indígenas brasileiras é numerosa e aumenta rapidamente. Qualquer tentativa de abordar criticamente toda esta literatura exigiria volumes. A consulta dos resumos bibliográficos disponíveis em várias bibliotecas (no Rio de Janeiro: Museu Nacional, Museu do Índio) permite descobrir o que foi escrito sobre qualquer sociedade indígena. O que não é fácil descobrir, para o leigo, é por que um dado autor deu-se ao trabalho de escrever o que escreveu, e por que alguém quereria ler estas coisas.

Ademais, qualquer pessoa que tenha acompanhado os debates sobre "o problema indígena"<sup>1</sup> na imprensa ao longo destes anos percebe que existem desacordos básicos entre aqueles que entraram em contato, direto ou indireto, com sociedades indígenas. Para que se possa entender as posições atuais sobre

\* Resenha publicada no BIB n. 2.

\*\* Anthony Seeger é professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ. Ph.D pela Universidade de Chicago, interessa-se pelo estudo da cosmologia e organização social dos grupos indígenas sul-americanos.

\*\*\* Eduardo Viveiros de Castro é mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ e aluno do programa de doutoramento nesta instituição. É também Professor do Centro Unificado Profissional.

1. A expressão "problema indígena" é capciosa: pode sugerir que os índios "criam" um problema para a sociedade nacional, quando é justamente o oposto. O "problema", na verdade, é nacional.

o "problema indígena", é fundamental uma consideração da experiência dos diferentes grupos envolvidos na disputa. Cada um destes tende a ver algo diferente, mesmo quando falando sobre a mesma sociedade, e isto vai determinar a visão que cada um tem dos outros grupos.

### Fontes básicas sobre os índios brasileiros

Existem algumas excelentes fontes bibliográficas sobre os índios brasileiros. Listas de bibliografias já publicadas se encontram em: "Bibliografia de bibliografias antropológicas: as Américas" (Gibson 1960); "Bibliografia das bibliografias antropológicas das Américas" (Jaquith 1970); e "Bibliografias etnográficas" (O'Leary 1970).

Quem quiser estudar algum assunto específico, ou uma tribo em particular, ainda deve começar pelo *Handbook of South American Indians* (Steward 1946-50), e pela *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, vols. I e II, de H. Baldus. O *Handbook*, embora desatualizado, ainda é útil. A obra de Baldus (1954, 1968) é a fonte bibliográfica mais importante trazendo cerca de 2.900 referências, comentadas. Uma característica valiosa são seus índices por assunto, por autor e por tribo, que não se encontram nas outras bibliografias citadas adiante. O segundo volume da *Bibliografia* foi publicado em 1968, e está desatualizado; um terceiro volume está sendo preparado por Thekla Hartmann, da Universidade de São Paulo.<sup>2</sup> Outra bibliografia útil é a de Timothy O'Leary (1963), que cobre toda a América do Sul. Ela traz apenas índice por tribo, sem indicação separada por autor ou assunto. O suplemento bibliográfico anual, publicado pelo Musée de l'Homme, *Bibliographie Américaniste* (Guyot, 1972), não pôde ser consultado pelos autores deste ensaio; mas Jackson (1975: 307) diz que ele é bom, e atualizado.

Alguns bons ensaios bibliográficos organizam o material em termos históricos ou teóricos. Podemos citar Baldus (1954: "Introdução"; 1960; 1968: "Introdução"), Fernandes (1956-57), e uma revisão das etnografias recentes sobre a América do Sul setentrional (Jackson, 1975). Esta última trata basicamente do Brasil setentrional (Norte Amazônico), Colômbia, Venezuela e Guiana. Fuerst (1972) compilou uma bibliografia sobre "problemas" da política indigenista na Amazônia brasi-

2. Thekla Hartmann, "Contribuições em língua alemã para a etnologia do Brasil (1966-1976)", em fase de publicação, deverá ser consultado para fontes em alemão.

leira (1957-72)", que é de muita utilidade nesta questão (ver também Agostinho *et alii*, 1972). Em domínios conexos, um ensaio bibliográfico (Magalhães, 1974) e uma "Bibliografia de Lingüística Indígena Brasileira" (Magalhães, 1975) são indispensáveis na área da Lingüística.<sup>3</sup> Na Antropologia Física, o trabalho mais geral ainda é o de Castro Faria (1952). Quanto à Pré-História e a Arqueologia, aparentemente não há uma bibliografia compreensiva, e o leitor deve consultar trabalhos específicos sobre áreas e temas (Simões, 1972).

O melhor livro de caráter geral sobre os índios é sem dúvida o *Índios do Brasil* de J. C. Melatti (1972). Trata-se de uma excelente introdução ao tema, onde o autor discute muitos tópicos de interesse tanto para o antropólogo quanto para o leigo, desde a Pré-História até a situação atual. Sua linguagem é simples, sem tecnicismos, mas não é superficial.

Várias coletâneas de artigos têm aparecido, permitindo o acesso a trabalhos até então dispersos em publicações obscuras, em torno de temas variados (ecologia, organização social, religião); aqui se incluem as de Schaden (1972, 1976), de Gross (1973) e de Lyon (1974). Esta última congrega alguns dos melhores trabalhos e traz uma excelente bibliografia.

Alguns periódicos trazem informações importantes sobre índios. Os mais antigos são a *Revista do Museu Paulista* (São Paulo) e *Revista de Antropologia* (São Paulo), o *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* (Belém) e o *Boletim do Museu Nacional* (Rio de Janeiro). A Fundação Nacional do Índio, depois de ter encerrado o seu *Informativo FUNAI*, publica agora a *Revista de Atualidade Indígena*, bimensal (FUNAI, 1977), agora em seu terceiro número e encontrada em livrarias e bancas de jornal. Além de artigos ilustrados, de qualidade boa e uma linguagem acessível, cada número traz um pequeno artigo bibliográfico que será bastante útil no futuro. No número 2 (Ano I), por exemplo, há uma lista de publicações periódicas que é mais completa que a que damos aqui.

Nas páginas que seguem, indicaremos os livros ou artigos que tragam bibliografias particularmente interessantes para quem estiver interessado em tópicos específicos. Qualquer bibliografia — esta por exemplo — está desatualizada a partir do momento em que foi escrita, de modo que se deve estar atento a trabalhos recentes. Também, neste ensaio não temos

3. O *Summer Institute of Linguistics* publica periodicamente suplementos bibliográficos sobre os trabalhos de seus pesquisadores (indexação por língua estudada).

a pretensão de exaustividade. Visamos introduzir às diferentes correntes de pensamento e ao material já publicado (ou em vias de publicação) sobre os índios brasileiros. Uma pesquisa profunda e especializada deve sempre ir além das bibliografias publicadas, até os manuscritos talvez perdidos em algum arquivo, e, por vezes, até o campo.

### O Estado e os índios

Em linhas gerais, a política indigenista brasileira não apresentou mudanças históricas concretas. Oscilou, é verdade — desde 1500 —, entre o reconhecimento do direito indígena à terra, esboçando tentativas de coibir a exploração dos nativos pelos colonos ou missionários, e medidas violentamente repressivas, que sustentavam a “guerra justa”, o “descimento” e a “escravização dos índios”. Mas a tendência profunda — que se nota também em outros domínios (Faoro 1976) — foi a de um progressivo aumento de controle estatal sobre a vida dos grupos tribais, mesmo através de uma metamorfose que, dividindo o trabalho, deixava aos colonos e às frentes de expansão a tarefa de eliminar os grupos “rebeldes” ou “incômodos”.

Há várias obras que analisam a legislação e a política do Estado colonial diante das populações encontradas pelos portugueses. Naud (1970) compilou documentos sobre o índio brasileiro de 1500 a 1822, onde se destacam as Cartas Régias que orientam a atitude dos colonos diante do gentio. Kiemen (1949, 1954) e Thomas (1968) escreveram análises específicas sobre a política indigenista no período colonial. Para o Império, Moreira Neto (1971) traz uma excelente documentação. Este autor, especialista em política indigenista, tem um breve trabalho histórico geral (1967), onde descreve os processos de convergência e afastamento entre a legislação formal e a prática do contato entre os índios e brancos.

No começo do século XX, a luta entre os colonos do sul do país e os Kaingáng e Xokleng motivou discussões acirradas sobre o destino dos índios. Cientistas como Von Ihering propunham a eliminação dos indígenas (Moreira Neto, 1967; Ribeiro, 1970: 129). Mas a visão positivista vitoriosa, dominante no movimento republicano, conseguiu a criação do Serviço de Proteção aos Índios, em 1910, visando garantir a integridade dos grupos tribais de forma a que pudessem espontaneamente aceder às luzes da civilização. A Igreja e o Estado se separam, e o assistencialismo do SPI rejeita a catequese. Ribeiro (1962,

1970) apresenta uma história detalhada da política indigenista desde a criação do SPI, além de uma boa bibliografia nesta área (ver Ribeiro 1970: 451-52).

Oliveira (1947) e Otávio (1946) compilam e analisam a legislação brasileira sobre o índio, sendo que o último acompanha as mudanças históricas na definição do *status* do índio diante do Direito. Arnaud (1973) e Turner (1971) discutem aspectos da legislação recente, especialmente o *Estatuto do Índio*, que pode ser consultado em uma publicação da FUNAI (1975). Documentos históricos importantes são as Publicações do *Apostolado Positivista do Brasil* (1909, 1910a, 1910b, 1912; cf. Ribeiro, 1970), que discutem a questão indígena e a atuação do SPI à luz dos princípios positivistas. Os *Anuários do SPI* contêm informações detalhadas. O *Conselho Nacional de Proteção aos Índios* (1946) é uma bibliografia preciosa sobre Rondon e os primórdios do SPI.

Alguns livros de História do Brasil trazem informações e análises sobre a relação entre o Estado e os índios. Cunha (1960), Garcia (1956), Marchant (1943), Magalhães (1935) podem ser citados como discutindo mais detidamente o tema. Capistrano de Abreu (1976) é um dos historiadores mais importantes que estudaram o período colonial, neste aspecto. Os trabalhos de Fernandes (1960, 1963) sobre os Tupinambás discutem aspectos do contato entre os indígenas do litoral e os conquistadores europeus, além de trazerem uma copiosa bibliografia sobre os primeiros cronistas. Um artigo de Melatti (1977) é uma boa introdução geral ao assunto.

Ribeiro (1970) e Cardoso de Oliveira (1960a, 1968, 1972) discutem extensivamente os processos históricos de penetração da sociedade nacional nos territórios indígenas (ver, adiante, seção sobre Cultura e Mudança Social), em termos da natureza das frentes de expansão, e, posteriormente, das modalidades de integração e assimilação dos grupos indígenas à sociedade nacional e sua estrutura de classes. Análises mais detalhadas sobre o papel dos Postos Indígenas, ou sobre o papel do SPI/FUNAI em geral dentro do processo de assimilação do índio, podem ser examinadas em Cardoso de Oliveira (1960b; Ribeiro, 1962; Baldus, 1962; Soares Diniz, 1963; Junqueira, 1967, 1975; Melatti, 1967; Santos, 1970; Stauffer, 1959/60).

A situação atual da política indigenista brasileira tem sido examinada por algumas publicações estrangeiras, especialmente Dostal (1972), Fuerst (1972), e também pela CNBB (1977).

A imprensa tem ventilado discussões (e denúncias) sobre os rumos mais recentes da questão do índio e suas terras, através de declarações do Ministério do Interior, da FUNAI e de representantes da Igreja. Uma consulta aos arquivos dos periódicos é indispensável para o exame deste pontos (especialmente *O Estado de São Paulo* e o *Jornal do Brasil*). A *Revista de Cultura Vozes* (1976) traz um número sobre a política indigenista no Brasil com artigos de antropólogos, missionários e indigenistas.

### A Igreja e os Índios

Em grande medida, a história dos índios após a descoberta do Brasil é a história da Companhia de Jesus neste país. A partir de 1549, com a chegada dos primeiros missionários jesuítas, a colonização do novo continente encontra-se oficialmente justificada pela necessidade de conversão do "gentio". Assim, a Igreja e o Estado português estiveram profundamente associados no trabalho de redução (em sentido lato) das populações indígenas; o que não impediu que a Igreja e o Estado, quanto à questão indígena, tenham entrado em conflito inúmeras vezes.

O índio foi, de início e sobretudo, um pagão. Isto ao mesmo tempo legitimava o extermínio guerreiro dos grupos tribais, e exigia o trabalho missionário de conversão. Tais objetivos, ora convergiam, ora contradiziam-se; para os colonos, o trabalho dos missionários era um estorvo que criava competição pela mão-de-obra indígena. Choques entre civis e missionários foram constantes na época colonial (por exemplo, a passagem do Padre Vieira pelo Maranhão — ver Southey, 1862, tomo IV). A Coroa portuguesa, por sua vez, ora alinhava entre os civis, ora entre os missionários, conforme os grupos de pressão envolvidos. Flores (1974) faz uma excelente análise da ideologia da catequese no Brasil e seus aspectos institucionais — os aldeamentos, os métodos pedagógicos. Metraux (1943) tem um breve artigo sobre as missões jesuítas.

No século XIX, leis e decretos de 1843-45 autorizavam a vinda dos capuchinhos para o Brasil e dispunham sobre a instrução cívica e religiosa dos índios; o cargo de Diretor de Índios, abolido em 1798, foi reinventado.

Com a criação do SPI, em meio à maré positivista e secularizante da República — separação da Igreja e do Estado — o Estado define uma política que, além de permitir a entrada de missões protestantes, vai retirar muito do poder da Igreja sobre os índios — embora não proíba sua atividade (o que

quase veio a ocorrer há pouco). Desde então, a atividade missionária vem perdendo legitimidade institucional, embora mantenha-se organizada, sendo capaz de atingir regiões inacessíveis às agências estatais.

Atualmente, assistimos a uma radicalização das posições da Igreja e do Estado. A CNBB, através do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), tem assumido posições que implicam a defesa dos grupos indígenas ameaçados pelos projetos agropecuários intensivos, em geral com capital estrangeiro, apoiados pelo Estado. A Igreja tem criticado veementemente o INCRA, a SUDAM, e outros órgãos do Ministério do Interior que implementam a política de colonização interna. Na verdade, a questão das terras indígenas — ponto focal das denúncias da Igreja — é apenas parte de um problema mais geral, que é o das políticas de ocupação do interior brasileiro. O Ministério do Interior, apesar de vacilações, persiste em um projeto de integração rápida dos grupos indígenas à sociedade nacional; e contra isto, especialmente nas conseqüências fatais que acarretará, se levanta o CIMI.

Neste panorama, a tarefa missionária tem sofrido questionamentos e redefinições radicais. Em primeiro lugar, há correntes dentro da Igreja que, ao rejeitarem os princípios que orientam a expansão capitalista brasileira, assumem a defesa das sociedades indígenas enquanto exemplares de uma forma de existência mais próxima do modelo cristão original. Em certo sentido, portanto, não se trata mais de transformar os índios para que aceitem a mensagem religiosa, mas de preservar a cultura original e transformar a missão de forma a ser integrada nos princípios sociais nativos. Em segundo lugar, há uma crescente conscientização da influência extra-religiosa da atividade missionária; isto, por um lado, leva a uma maior sofisticação das técnicas de catequese (adaptar mitos a narrativas bíblicas etc.), mas por outro lado sugere impasses de difícil solução. O postulado — antropologicamente pouco sustentável — de uma compatibilidade intrínseca entre a ideologia católica e as culturas indígenas procura resolver tal impasse; sugere-se um aprofundamento antropológico do missionário de forma a adequar sua mensagem à cultura indígena, e estimula-se um processo de mudança social que encurte o caminho. Em outra direção, boa parte da atividade da Igreja junto aos grupos tribais tem se limitado — oportunamente — a um trabalho de base, de conscientização dos direitos civis dos índios, e de defesa da integridade física e territorial deste segmento da população brasileira. Em termos puramente formais, isto é, sem

atentarmos para o conteúdo ideológico dos discursos da Igreja atual, assistimos à continuação da luta competitiva entre Igreja e Estado pelo índio brasileiro, que lança raízes profundas na história do Brasil.

Os documentos da Igreja que devem ser consultados para um exame da posição atual do problema são: o *Boletim do Cimi*, bimensal que traz uma discussão programática e detalhada das questões da terra indígena, da atividade da FUNAI; discute também a ideologia atual da catequese e traz um balanço muito útil das referências aos índios na imprensa. Sugerimos a leitura do *Boletim*, Ano 4, n.º 13; Ano 5, n.º 31 e Ano 6, n.º 34 para os aspectos teóricos da nova catequese. *Y-Juca-Pirama, o índio: aquele que deve morrer*, um documento de urgência assinado por bispos e missionários sobre o problema indígena, também é importante. Em *CNBB* (1977) temos um resumo da posição da Igreja quanto aos problemas da colonização do Brasil.

#### Antropólogos e Índios

A antropologia é o estudo comparativo das sociedades humanas; disciplina que lança suas raízes no Iluminismo, tornou-se possível graças à expansão colonial européia. Uma das observações mais importantes que foram feitas sobre os índios brasileiros, a partir dos estudos antropológicos, foi a de que existe uma enorme variação entre os grupos. Não existe um só "índio brasileiro" (como se crê até hoje, graças aos manuais de ensino elementar), mas muitos grupos diferentes de índios brasileiros, que falam línguas diversas, possuem adaptações tecnológicas diversas, vivendo em diferentes ambientes, e diferindo radicalmente quanto aos padrões de ocupação do território e à organização social, à cosmologia, e quanto à situação de contato com a sociedade brasileira.

O enfoque do interesse dos antropólogos em sociedades tribais muda. Fernandes (1956-7) e Baldus (1968) observam a importância crescente dos problemas da mudança cultural, organização social, e religião nos estudos sobre os índios brasileiros. Recentemente, outro interesse veio à tona: a ecologia do *habitat* dos índios e as formas de adaptação a ela. Novas questões foram levantadas nas áreas de organização social, como a posição das mulheres, e da religião, como o uso dos alucinógenos. Em ambos os casos, o motivo do interesse nestes temas está claramente associado a questões em pauta na sociedade dos investigadores — pois os índios não mudaram quanto a isso, enquanto os interesses antropológicos sim, e radicalmente.

#### Materialismo cultural

Um livro de Meggers que acaba de ser traduzido — *Amazônia: a ilusão de um paraíso* —, e que foi muito comentado, é um exemplo do grande número de trabalhos recentes sobre as relações entre o homem e o meio ambiente. Tais estudos, em geral defendem a idéia de que as possibilidades do ecossistema determinam certos traços da organização social e da religião de um grupo. Meggers (1977) representa um caso-limite desta posição, e reduz coisas como tamanho da aldeia, restrições sexuais pós-parto, aborto, guerra, feitiçaria e "amor à liberdade" a causas materiais. Carneiro (1960, 1961), replicando trabalhos anteriores de Meggers (1954, 1957), procura demonstrar que o tamanho da aldeia não está determinado pela infertilidade dos solos amazônicos ou pela agricultura de coivara. Baseando-se em estudo detalhado das roças Kuikúru (Alto Xingu), ele mostra que uma aldeia populosa pode manter-se na mesma área indefinidamente. Assim, tamanho da aldeia e deslocamentos devem ser correlacionados com outros fatores. Além disso, ele afirma que um excedente alimentar poderia ser produzido, por estes grupos, sem mudança tecnológica, pois cada indivíduo trabalha apenas cerca de duas horas diárias em sua plantação de mandioca. Este foi também o tema de um artigo brilhante de Marshall Sahlins (1968), que reinterpreta o material existente para demonstrar que as sociedades "primitivas", "tribais", foram a "primeira sociedade de abundância". Bamberger (1967, 1971) também afirmou haver sérios erros de avaliação da ecologia destas regiões, que levaram a enganos na interpretação dos princípios causais da organização social. Gross (1975) fazendo um balanço da controvérsia, dirá que o tamanho, forma e permanência das povoações, a complexidade social, e os padrões de guerra, podem variar de acordo com diferenças, não da disponibilidade de produtos agrícolas, mas de proteína animal que é relativamente escassa na Amazônia, devido à ausência de grandes animais gregários. Outros estudos (Ross, no prelo), sugerem que a cosmologia e os tabus alimentares estão determinados por variáveis ecológicas, e são o resultado de uma adaptação do homem aos animais na região amazônica. Reichel-Dolmatoff (1976) sugere que a riqueza simbólica da cosmologia dos índios Tukano é um "modelo para a adaptação ecológica" e exprime a precisa consciência dos índios quanto à necessidade de normas adaptativas. Tanto Gross (1975) quanto Ross (no prelo) e Jackson (1975) fornecem boas bibliografias para os que se interessam por estes tópicos.

A maioria dos trabalhos que seguem esta orientação procura reduzir a cultura — parentesco, casamento, residência, e mesmo o simbolismo, a mitologia e a religião — às condições materiais em que se encontram as sociedades estudadas. A articulação proposta é, em geral, simples e unidirecional; não se leva muito em conta os tipos de variação observados (dentro do mesmo *habitat*), e tampouco há uma teoria explícita sobre a natureza da sociedade — além da noção de adaptação ecológica. Outros autores têm demonstrado que inúmeros fatores concorrem para as mudanças de aldeia e de roças (ver especialmente Butt, 1970).

Um dos resultados positivos destes novos interesses, porém, é que a pobreza dos estudos sobre o uso indígena do meio ambiente — característica das décadas passadas (uma das poucas exceções é Ribeiro, 1955) — deu lugar a um bom número de análises detalhadas (Carneiro, 1960, 1961, 1970; Silverwood-Cope, 1972; e Esmole, 1976, que traz uma bibliografia razoável).

### Organização social

Os antropólogos estudam as formas de organização social — entre elas os sistemas de parentesco — a fim de responder a algumas questões fundamentais. Entre estas, estão: Qual a natureza das sociedades tribais? Que princípios as organizam? Como elas se mantêm historicamente? Quais as variações estruturais capazes de serem estabelecidas entre estas sociedades? Como estas sociedades mudam?

Um dos focos dos estudos de organização social é a descrição e análise dos sistemas de parentesco. A preocupação com a natureza e a importância da família pode ser remetida aos primórdios da Antropologia. Assim, enquanto o parentesco e a família européia nesta época pareciam estar ameaçados pelo desenvolvimento da sociedade industrial, as descrições dos viajantes etnógrafos sublinhavam a dominância dos laços de parentesco na organização das sociedades tribais. O parentesco aparecia em qualquer domínio da vida social — economia, política, mitologia, ritual. Isto, evidentemente, levou a antropologia a concentrar seus esforços no estudo da natureza dos laços de parentesco.

Tal ênfase no parentesco e organização social talvez intrigue o leigo, e o desencoraje. Mas a preocupação subjacente é com os princípios gerais de organização das sociedades, e, por esta via, os índios brasileiros estão sendo comparados com so-

iedades de outros pontos do planeta. Algumas das principais etnografias sobre os índios brasileiros tratam especificamente de parentesco (Galvão, 1953; Murphy, 1960; Maybury-Lewis, 1967; Rivière, 1969; Melatti, 1970; Basso, 1973; Da Matta, 1976; Vidal, 1977).

As sociedades indígenas brasileiras diferem radicalmente, em termos de organização social, das sociedades da Melanésia ou da África, que serviram de matriz para o desenvolvimento teórico da Antropologia junto com os exemplos clássicos da Antiguidade. Assim a experiência da América do Sul levou ao questionamento de certos conceitos de organização social desenvolvidos a partir da experiência com as sociedades grega, romana, e da África. Isto aconteceu com os conceitos de "linhagem" e residência elaborados por Radcliffe-Brow (1973). Uma sociedade era considerada mais "estável" ou "harmônica" se o local da residência pós-marital era consistente com a forma de descendência. Qualquer outro arranjo seria "desarmônico", e, sobretudo, raro. Mas na América do Sul, especialmente no Brasil, são muito comuns os casos de "sistemas desarmônicos." Várias explicações foram sugeridas para este fenômeno: algumas apóiam-se na teoria tradicional da linguagem (Murphy, 1956, 1960); outras criticaram tais princípios (Ramos, 1974; Seeger, 1975). Acresce que muitas sociedades foram "descobertas" (também no Brasil, entre outros lugares), onde a linhagem não é o princípio organizador; os indivíduos ligam-se ao pai e à mãe de formas complexas e variadas (Scheffler e Lousbury, 1971; Shapiro, 1968; 1974; Ramos, 1974; Da Matta, 1976). Muitas sociedades que se acreditava possuírem linhagens, por terem sido descritas por etnógrafos influenciados pelos modelos africanos, foram reinterpretadas (Da Matta, 1968, 1976; Kaplan, 1973; Basso, 1973). Assim, a antropologia dos índios brasileiros sugere novas formas de análise (Da Matta, 1976; Seeger, 1975). Em muitas sociedades a nomenclatura é um princípio muito importante na atribuição da identidade social dos indivíduos — mais do que a descendência (Melatti, 1968; Lave, 1969; Ramos, 1973; Bamberger, 1974; Viertler, 1976). Em outra direção a aparente "flexibilidade" dos sistemas sociais — a não adesão a princípios rígidos como linhagem ou descendência — levou a uma busca de outros princípios organizacionais, como o grupo de substância (Da Matta, 1976; Viveiros de Castro, 1977) ou a análises dos processos e estratégias da tomada de decisões (Turner, 1968; Basso, 1970).

Outra firme suposição sobre a natureza da sociedade, que consistia em admitir que a interação social entre seres humanos

seria mais "real" (ou diferente), que os processos ideativos, também foi posta em questão a partir dos dados sul-americanos. Importante aqui é o debate entre Lévi-Strauss e Maybury-Lewis (Lévi-Strauss, 1956, 1960; Maybury-Lewis, 1960). Estas questões foram desenvolvidas posteriormente por Maybury-Lewis (1967), Melatti (1971), Da Matta (1976), e Seeger (1974) entre outros.

No decorrer das discussões sobre organização social e parentesco, algumas sociedades brasileiras tornaram-se famosas na Antropologia, especialmente os Gê e os Bororo do Brasil Central. Estas sociedades, extremamente complexas, utilizando uma multiplicidade de princípios para a formação de grupos, possuem uma organização social notavelmente elaborada, em comparação com seus vizinhos da floresta tropical, além de uma vida cerimonial organizada em ciclos longos. Trabalhos pioneiros incluem Nimuendaju (1939, 1942, 1946) e Colbacchini e Albisetti (1942). Lévi-Strauss (1952) sugeriu que eles fossem reestudados, pois o material de Nimuendaju colocava problemas para a teoria dos sistemas de casamento proposta por Lévi-Strauss. Esta tarefa foi empreendida por Maybury-Lewis (1967) e por estudantes seus (T. Turner, 1966; C. Crocker, 1969, 1971; Melatti, 1971, 1975, demais referências; Lave, 1967, 1971; e Da Matta, 1968, 1976). Outros antropólogos produziram trabalhos importantes sobre os Gê, como Vidal (1977), W. Crocker (1971), Seeger (1974, no prelo), e Carneiro da Cunha (1975, no prelo). Os grupos de língua Gê tornaram-se exemplares, tanto no que diz respeito às contribuições sul-americanas à Antropologia, quanto na elaboração de hipótese sobre a natureza das sociedades em geral. As publicações recentes no Brasil (Da Matta 1976; Vidal, 1977; Carneiro da Cunha, no prelo) e fora (Maybury-Lewis, no prelo) divulgando materiais até então apenas mimeografados, produzirão mudanças importantes na Antropologia brasileira.

Como a maioria dos antropólogos que estudaram os índios brasileiros eram do sexo masculino, surgiu a suspeita de que eles desprezaram um aspecto vital da organização destas sociedades — o papel das mulheres. Algumas tentativas de corrigir este preconceito foram empreendidas por R. Murphy e Y. Murphy (1974), e outros (Bamberger, 1971; Shapiro, 1972; Seeger, 1974). Alguns ensaios sobre comportamento sexual e intimidade levaram, igualmente, à recolocação de algumas posições (Crocker, 1964; Basso, 1973; Gregor, 1973, 1974).

Alguns trabalhos recentes chamam a atenção para o significado social e simbólico de certos papéis centrais nas sociedades

tribais do continente: o xamã, o "feiticeiro", o "chefe", o líder faccional. A literatura sobre o xamanismo sul-americano é vasta; Baldus (1965/66) apresenta sugestões para pesquisa neste tema, além de uma bibliografia por região etnográfica. Algumas monografias, sobre religião (Fock, 1963) ou gerais (Goldman, 1963; Crocker, 1967; Harner, 1972; Basso, 1973) apresentam boas informações sobre o xamanismo, situando-o dentro do repertório de papéis, analisando os diferentes tipos de especialistas (xamã, curador, herbalista). Métraux (1944), Barandiarán (1962), Butt (1962), Münzel (1971), Harner (1973) e Kensing (1974) podem ser citados quanto a ensaios específicos sobre o tema, além do livro de Reichel-Dolmatoff (1975), que discorre sobre o uso xamanístico dos alucinógenos entre os Tukano.<sup>4</sup> Butt (1965/66) e Dole ([1964] 1973) trazem contribuições sobre o papel político-legal do xamanismo, em termos de controle social. Baldus (1964) analisa os efeitos da aculturação sobre o xamanismo Tapirapé. Melatti (1970) correlaciona os xamãs Kraho e a mitologia, sugerindo a noção de "mito individual" para explicar as narrativas xamanísticas. Apesar de inúmeras diferenças, parecem existir certos temas recorrentes no xamanismo sul-americano, como o uso intensivo do tabaco, a relação com espíritos animais. Em termos de enfoque teórico geral, os trabalhos de Lévi-Strauss (1949a e 1949b) sobre a "eficácia simbólica" são fundamentais.

Seeger (no prelo) compara o especialista ritual Suyá com o chefe, em termos de um dualismo característico das sociedades Gê. Em outra direção, Clastres ([1970] 1974) vai comparar os profetas tupi-guaranis com os chefes. Aqui surgem as questões ligadas à questão da autoridade política: a América apresenta problemas interessantes para a Antropologia Política, uma vez que aqui se encontram inúmeras sociedades onde o papel de "chefe" não correspondia absolutamente às noções de autoridade e poder típicas do Ocidente. Clastres (1974) defende a tese de que tais sociedades recusam explicitamente a idéia de poder, colocando-a como elemento da Natureza no seio da Cultura. O papel ambíguo, liminar, dos representantes tribais (termo mais apropriado que "chefe"), com efeito, parece ser característico das sociedades do continente (altiplano excetuado). Lévi-Strauss ([1944] 1973) escreveu um ensaio famoso sobre a chefia entre os Nambikwara, que apresenta algumas idéias básicas a este respeito.

4. Harner (1973) organizou uma coletânea sobre xamanismo e alucinógenos.

O trabalho de Maybury-Lewis sobre os Xavante (1967) oferece uma importante contribuição ao estudo do faccionalismo e chefia. Aí são analisados o papel do chefe grupal em suas relações com a liderança faccional, caracterizada pela ambigüidade entre função representativa e função de liderança. Basso (1973) desenvolve para os Kalapalo (Alto Xingu) estas relações entre chefia e faccionalismo — em um sistema onde o representante grupal funciona como mediador cerimonial entre sua aldeia e as outras da região. Embora pareça assim ser possível distinguir entre o representante tribal, símbolo da unidade e identidade do grupo (com atribuições, em última análise, rituais) e o líder faccional, em muitas sociedades estes papéis se confundem, como os grupos Kayapó (Turner, 1966, que discute em detalhe o faccionalismo).

Os estudos sobre a vida política nas sociedades sul-americanas incluem trabalhos sobre a atividade guerreira (Fernandes, [1952] 1971 para os Tupinambá; para sociedades atuais, ver Harner, 1972, Chagnon, 1968a, 1968b), faccionalismo e acusações de feitiçaria. Algumas regiões apresentam um panorama mais complexo, onde comércio, intercassamentos e vida ritual ligam vários grupos em um único sistema — casos do Alto Xingu e do Noroeste amazônico.

O estudo do faccionalismo (inter ou intra-aldeia) permite à Antropologia escapar às visões idílicas de um consenso pacífico e universal entre os membros de um grupo; e as acusações de feitiçaria surgem como tema relevante uma vez que são o idioma básico na veiculação de lutas faccionais. Maybury-Lewis (1967), T. Turner (1966), Da Matta (1976) e Seeger (1974) discutem feitiçaria e faccionalismo entre os grupos Gê, permitindo uma comparação controlada interessante; Rivière (1970) compara os tipos de acusação de feitiçaria e a estrutura política dos Trio e Xavante. Uma referência teórica para o estudo das acusações de feitiçaria são as obras de M. Douglas (1966, 1970).

### Religião e cosmologia

Muitos autores tratam de aspectos religiosos da vida dos índios brasileiros (ver Baldus, 1954, 1968, no índice por assunto). Já no século XX, algumas obras podem ser consideradas importantes como etnografia religiosa: Nimuendaju (1914) estudou a religião e o profetismo de um grupo Guarani, em um trabalho clássico; Métraux (1928) compilou os dados dos cronistas sobre a religião dos Tupinambá; Ribeiro (1950) estuda a religião e mitologia dos Kadiwéu. Deve-se mencionar

também os trabalhos de Capistrano de Abreu (ver Abreu, 1914, sobre a língua e cosmologia dos Kaxinawá; e Abreu, 1895, sobre língua e cosmologia Bakairi).

Uma das regiões mais ricas para o estudo da religião e simbolismo é o Noroeste amazônico. Esta é uma área densamente povoada onde grupos diferentes intercasaram e geraram uma situação multilingüística; todos eles possuem uma vida cerimonial e artística altamente elaborada. As melhores análises publicadas sobre a organização social e a cosmologia da região são as de Koch-Grunberg (1917), e mais recentemente Goldman (1963); há pouco, Goldman (1976) exprimiu algumas reservas quanto a seus escritos anteriores sobre os Cubeo. Mais acessível, mas não tão bom, é Brüzzi (1962). Reichel-Dolmatoff fez uma descrição excelente da cosmologia dos Tukano (1968), e alguns trabalhos interessantes começam a surgir, baseados em pesquisa intensiva (Hugh-Jones, 1974 cf. também a pesquisa em curso de Melatti e Melatti sobre os Marubo [1975]). Outros grupos do Norte do país também foram rapidamente descritos em termos de cosmologia (Chagnon, 1968a para os Yanomamo). A concepção do cosmos como disposto em camadas superpostas, presente entre os Yanomamo e Marubo (para citarmos dois grupos muito diferentes), é interessante, e é necessário um estudo mais detalhado sobre isto.

Os índios brasileiros apresentam grande variação em sua vida religiosa, assim como em todos os demais aspectos culturais. Enquanto a cosmologia do Noroeste amazônico apresenta um simbolismo rico e um xamanismo desenvolvido, a cosmologia dos grupos Gê do Brasil Central está muito mais claramente ligada à organização social — uma área de considerável complexidade, como já foi mencionado. Talvez por esta razão, os Gê têm sido usados para se demonstrar a relação íntima entre estrutura social e sistemas de crença (Da Matta, 1976; Moybury-Lewis, 1967; Seeger, 1974).

As análises da mitologia sul-americana feitas por Lévi-Strauss (1964, 1966, 1968, 1971) revolucionaram o estudo da mitologia e cosmologia dos índios brasileiros, por suas hipóteses e generalizações fecundas. Elas frustraram, também, muitos antropólogos (Maybury-Lewis, 1969 faz um balanço útil); mas o resultado geral parece ter sido positivo. A consulta aos trabalhos de Lévi-Strauss é indispensável para o entendimento destes aspectos da cultura dos índios do Brasil.

Numerosas são as coletâneas de mitos sul-americanos (ver Baldus, 1954, 1968). Dentre as mais recentes e acessíveis, estão

a dos irmãos Villas Boas (1970) e Agostinho (1974) para o Xingu, e Lukesch (1969) para os Kayapó. Giaccaria e Heide (1975) compilam mitos e narrativas Xavante. O problema com a maioria das coletâneas de textos míticos é que elas foram elaboradas a partir de narrativas na língua de contato (português), raramente na língua nativa. Muitas vezes, elas resumem o que foi realmente dito pelos índios, ou reescrevem integralmente o material — quando não censuram passagens escatológicas. Necessariamente, adaptam o estilo oral ao escrito; isto reduz sua utilidade como documento, e tira dos mitos muito de sua vitalidade, evidente para quem quer que tenha ouvido um índio contar e representar um mito em sua língua nativa: uma arte, dificilmente captável pela página impressa. Existem algumas boas coletâneas, especialmente a de Monod-Becquelin (1975) para mitos Trumai. Algumas boas análises, inspiradas em Lévi-Strauss, foram feitas (Da Matta, 1970; Laraia, 1970); outras preferiram focalizar a relação entre mito e movimentos religiosos (Melatti, 1972; Carneiro da Cunha, 1973).

Os estudos de ritual são mais raros, embora muitas etnografias tragam descrições — por vezes detalhadas, como em Nimuendaju (1946). A análise do *Kwarup* xinguano feita por Agostinho (1974a), e a monografia de Melatti sobre os rituais Kraho (1975) (ver também Vidal, 1977), são excelentes.

Boa parte da literatura recente sobre religião trata do uso de drogas alucinógenas entre os grupos tribais da região amazônica. Há três coletâneas de artigos sobre o assunto (Coelho 1976; Furst 1972; Harner, 1973). Alguns livros tratam o assunto em profundidade (Reichel-Dolmatoff, 1975; Harner, 1972; Dobkin de Rios, 1972). Reichel-Dolmatoff discute em detalhe os documentos históricos sobre o uso da *Banisteriopsis Caapi* (ayahuasca, yagé, caapi), e descreve sua própria experiência com a droga, entre os índios Tukano. O mesmo faz Harner (1973) com os Jívaro; uma comparação destes dois é muito interessante. Os Jívaro bolivianos parecem levar esta prática ao limite, uma vez que “a vida normal, da vigília, . . . é simplesmente uma ‘mentira’ ou ilusão, enquanto que as verdadeiras forças que determinam os fenômenos são sobrenaturais, e só podem ser vistas e manipuladas por meio do uso das drogas alucinógenas” (Harner, 1972: 16). De qualquer modo, os alucinógenos desempenham um papel central na cosmologia dos grupos amazônicos. Alguns dos trabalhos disponíveis tratam da farmacologia dos vegetais empregados (Schults, 1972; Wassén, 1976); outros descrevem etnograficamente a organização social das sessões e dos transe provocados pelas drogas (Harner,

1973; Kensinger, 1973). Alguns autores sugerem a possibilidade de uma universalidade dos símbolos e da experiência do transe alucinogênico (Reichel-Dolmatoff 1972; Harner, 1973; Naranjo, 1973; La Barre, 1972).

## Arte

É difícil separar a “arte” dos outros domínios, em qualquer sociedade indígena. A pintura corporal, por exemplo, é “arte”, mas é também cerimonial, cosmologia (religiosa), e pode estar associada à hierarquia e à classificação social. O mesmo pode ser dito da arquitetura, da construção de artefatos, e de desenhos nas rochas ou árvores. O que poderia ser chamado de arte, assim, é freqüentemente objeto de discussão em trabalhos voltados para outros temas. Algumas fontes, porém, tratam em profundidade a questão. Só podemos citar umas poucas; a maioria pode ser encontrada na bibliografia de Baldus; para um enfoque teórico geral, ver Otten (1971).

A arte indígena era uma preocupação central de Von den Steinen (1886, 1894). Lévi-Strauss analisou a pintura facial Kadiwéu (1944/45; 1955); muitas informações sobre este grupo, neste aspecto, podem ser encontradas em Boggiani (1945, reeditado recentemente). Nas *Mythologiques* de Lévi-Strauss (1964, 1966, 1968, 1971) surgem inúmeras sugestões sobre o simbolismo e arte dos índios sul-americanos (cf., por exemplo, a análise do cromatismo, em *Le cru et le cuit*). Darcy e Berta Ribeiro escreveram uma monografia magistral sobre a arte plumária dos Urubu-Kaapor (1957). Irving Goldman (1963) e Reichel-Dolmatoff (1967) analisaram os símbolos gravados na rocha na região do Noroeste amazônico. Reichel-Dolmatoff elabora, em trabalhos posteriores, sua análise do simbolismo (1968, 1974, 1975). Castro Faria (1959) analisou a representação em cerâmica das figuras humanas e animais. Heloísa Fénelon Costa (1959, 1968) analisou a arte e o artista na sociedade Karajá; ela coletou, também (especialmente no Alto Xingu), muitos desenhos, fornecendo aos índios papel e tintas. Os desenhos podem ser de muito interesse (embora feitos através de uma técnica pouco familiar), sobretudo para o exame de aspectos da cosmologia dos grupos em questão (Fénelon Costa, 1976). Alguns índios tornaram-se artistas reconhecidos pela sociedade brasileira, produzindo obras expostas em galerias de arte (por exemplo, o Trumai Amati).

A importância da música na vida cerimonial dos índios brasileiros tem sido freqüentemente esquecida; só há pouco a

etnomusicologia tem sido levada a sério (Aytai, 1976 para os Xavante; Bastos, 1976 sobre o sistema sonoro Kamayurá; Dobkin de Rios e Katz, 1975 sobre a importância da música no ritual alucinogênico; Seeger [1977] sobre a relação entre estrutura musical e cosmológica entre os Suyá).

### Contato e mudança cultural

Embora os antropólogos tendam a estudar sociedades indígenas individuais, e utilizam-se de um referencial histórico bastante raso (não existem dados escritos sobre inúmeros grupos), estas sociedades mantiveram contato entre si — guerra, comércio, aliança — e efetuaram empréstimos culturais consideráveis. As sociedades indígenas não são estáticas, mas dinâmicas e em mutação. As fontes deste dinamismo, ademais, não resultam apenas de fatores externos, mas de processos inerentes à própria estrutura social e aos mecanismos adaptativos da sociedade.

O primeiro contato dos brancos com uma sociedade indígena pode tomar uma variedade de formas. O filme de Adrian Cowell ("Uma Tribo que se esconde do homem") e o livro do mesmo nome (Cowell, 1974) dá uma certa idéia do que é uma expedição de pacificação da FUNAI. O despovoamento que imediatamente segue o contato, provocado por epidemias, causa profundas mudanças na organização social (Laraia, 1963; Wagley, 1940, 1951); o grupo pode ser abandonado depois da "pacificação" (Moreira Neto, 1959) e dizimado por doença ou alcoolismo. Mudanças tecnológicas importantes também ocorrem, embora elas tenham sido melhor estudadas fora do Brasil. Schaden (1969) faz uma importante contribuição geral aos estudos da aculturação, e contém uma boa bibliografia.

Os efeitos do contato com os brancos não são apenas físicos ou tecnológicos; provocam mudanças ao nível da religião, ideologia, e da auto-imagem (identidade étnica, tribal, pessoal). Da Maita (1970) analisa o mito Apinayé de origem do homem branco, e demonstra como ele se constitui em um esforço de explicação feito pelos Apinayé sobre sua situação atual. Na mesma região — o Tocantins — houve vários movimentos messiânicos, organizados a partir de um simbolismo coerente com a mitologia do grupo (Carneiro da Cunha, 1973). Estes movimentos foram descritos por W. Crocker (1967) e Melatti (1972). Os movimentos messiânicos são particularmente interessantes para o estudo das formas de elaboração do contato pelos grupos tribais, e há muitos casos no Brasil (Schaden, 1969; M.

V. de Queiroz, 1963). Eles parecem ser uma tentativa de reagir às pressões da dominação branca através da criação de uma nova realidade. Pereira de Queiroz (1965) escreveu uma análise geral sobre os movimentos messiânicos.

No estudo dos efeitos da invasão da sociedade brasileira nos territórios e na sociedade indígena, a Antropologia brasileira produziu contribuições importantes à ciência. O efeito geral do contato brancos-índios tem sido o extermínio físico e cultural dos segundos, mas não há uniformidade. A melhor introdução ao assunto é Ribeiro (1957). Este artigo é indispensável a quem quer que deseja tomar conhecimento do "problema" indígena no Brasil. Muitas idéias apresentadas neste trabalho foram elaboradas em trabalho posterior (Ribeiro, 1970).

Os dados numéricos e qualitativos sobre a situação dos índios sul-americanos estão, atualizados, em uma série de documentos. Dostal (1972) é a melhor coletânea; possui uma boa bibliografia, embora a melhor esteja em Fuerst (1972), que cobre de 1957 a 1972. O relatório de Brooks *et alii* (1973) à *Aboriginal Protection Society of England* traz algumas informações úteis.<sup>5</sup> Narrativas mais jornalísticas sobre a situação atual dos índios brasileiros incluem Hanbury-Tennyson (1973), que indica o contraste radical entre os saudáveis e orgulhosos índios do Parque Nacional do Xingu e a miséria vista em outras regiões. Bodard (1971) é mais sensacionalista, e não tão preciso quando Dostal (1972). Jaulin (1970) causou impacto nos leitores estrangeiros. Algumas publicações do *International Work Group of Indigenous Affairs* (IWGIA, 1971-77) analisam situações tribais específicas, e sugerem políticas concretas. Até agora, não saiu nenhum relatório sobre um grupo indígena brasileiro. Em CNBB (1977) encontram-se também algumas informações.

Na análise do contato interétnico, ficou claro que, não só cada sociedade indígena é diferente da outra, mas cada uma defronta-se com situações específicas no contato. Esta variação deve-se ao tipo de frente de expansão (Ribeiro, 1957, 1960), mas também ao tipo de recursos de que dispõem os índios. Os Gaviões do Pará, possuidores de vastos castanhais, controlam parcialmente um recurso econômico inacessível a outros grupos, apropriados de cada palmo de terra que um dia possuíram. Roberto Cardoso de Oliveira fez importantes contribuições teó-

5. Davis (no prelo) é também uma obra importante.

ricas e empíricas ao estudo das situações de "fricção interétnica"; este autor critica as teorias de "aculturação", e procura mostrar a vigência de um sistema *social* de dominação que se estabelece entre brancos e índios, caracterizado pelo antagonismo de interesses e exclusão recíproca das visões de mundo (Cardoso de Oliveira, 1960a, 1964, 1968). Moreira Neto (1960) também contribuiu nesta área. Cardoso de Oliveira orientou vários estudos sobre situações específicas de contato (Laraia e Da Matta, 1967; Melatti, 1967; Santos, 1973). Junqueira (1973) e Viertler (1973) discutem alguns traços da situação no Parque Nacional do Xingu.

Os processos históricos de contato decorrentes da expansão brasileira sofrem inflexões específicas de acordo com as instituições em competição que atuam diretamente na área do contato. Estas instituições, através de seus agentes, são manipuladas pelos índios, que têm seus próprios objetivos, diferentes dos de cada instituição. Entre estas, a principal é a FUNAI (antigo SPI), através dos Postos Indígenas, cuja influência foi estudada por Cardoso de Oliveira (1960b), Junqueira (1973), Santos (1970) e Tavener (1973); ver também Ribeiro (1970). Outra instituição, ainda não sistematicamente estudada, são as missões: ver Baldus (1964); Bonilla (1972); Butt (1960); Miller (1970); Reichel-Dolmatoff (1972). A educação é outro tipo de influência, estudada por Santos (1976). Embora algum trabalho tenha sido feito sobre o papel da FUNAI e das missões, ainda não se sabe muito sobre isso, embora o impacto destas agências sobre índios recém-contatados seja muito grande. Os efeitos da presença do antropólogo também foram pouco estudados.

Estas instituições, bem como os segmentos da sociedade nacional presentes nas frentes de expansão, definem campos sociais onde se constituem as identidades étnicas. Cardoso de Oliveira dedicou-se a este tema (ver especialmente 1976), e Da Matta apresentou um trabalho interessante (1976b).

#### Nota final

A Antropologia, embora tenha chegado relativamente tarde no drama do índio brasileiro, teve um impacto considerável sobre a política e a visão nacionais sobre os índios. Alguns antropólogos têm estado vinculados à FUNAI (embora quase sempre sem dispor de poder) certos deles alinham-se com as vozes que têm criticado as políticas passadas e as tendências

atuais da FUNAI. A perspectiva antropológica parece ter tido algum efeito também no trabalho missionário, como fica evidente nas publicações do CIMI (ver também Laborde, 1969-72). Antropólogos brasileiros e estrangeiros estiveram envolvidos em projetos que visavam às necessidades de sociedades tribais específicas (freqüentemente, sociedades que eles estudaram por outros motivos). Estes projetos geralmente procuram estimular a autonomia do grupo visado, libertando-o da dependência de quaisquer das instituições que o rodeiam e invadem (o Governo, a Igreja, e o antropólogo). Embora eles tenham encontrado obstáculos a nível local — e nacional —, são um importante resultado das análises antropológicas (especialmente das teorias de contato interétnico), e representam um aspecto relevante do desenvolvimento da Antropologia no Brasil e no mundo.

O presente ensaio pretendeu sobretudo orientar a leitura de estudantes que estão tomando contato inicial com a Etnologia, mas também buscar dar conta dos trabalhos mais recentes na área. No que diz respeito às fontes que indicam o ponto de vista da Igreja e do Estado, este ensaio foi evidentemente mais breve; os autores são antropólogos, e, além de conhecerem melhor a bibliografia desta disciplina, tenderam a interpretar os pontos de vista concorrentes a partir da Antropologia. Procuramos corrigir esta distorção inevitável indicando as publicações que foram produzidas pelas próprias instituições religiosas e estatais.

Devemos acrescentar que, embora consideremos que o ponto de vista antropológico oferece a vantagem de não implicar uma intenção transformadora das sociedades indígenas, e que nesta perspectiva o conhecimento é mais importante, furdado como está num pluralismo cultural, isto não deve ser interpretado como uma demissão/omissão diante dos processos de mudança sofridos pelos grupos indígenas que restam no Brasil. Muito facilmente, é verdade, o antropólogo acomoda-se em um academicismo, esquecendo que o conhecimento deve estar vinculado à ação. As formas de ação possíveis aos antropólogos, hoje, não são muitas. Eles devem procurar os contextos viáveis de entendimento com as instituições que dispõem de poder sobre os grupos tribais, evitando, porém, compromissos esterilizantes e perigosos. Outro canal de ação aberto é o contato com a opinião pública, e a formação de gerações de estudantes mais conscientes da irracionalidade radical que marcou a atitude dos brancos diante dos índios. Trata-se de funcionar, do melhor modo possível, como porta-voz daqueles que foram silenciados — os índios.

## Bibliografia

- ABREU, C. de. Os Bacacrys. *Revista Brasileira*, ano I, 1895, t. III, p. 209-28, t. IV, p. 43-50, 234-345. Republicado em ABREU, C. de. *Ensaio e Estudos*, 3.<sup>a</sup> série, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira/MEC, 1976, p. 155-98.
- \_\_\_\_\_. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira/MEC, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Rã-ixa hu-ni-ku-i, a língua dos Caxinauás do rio Ibaçu, afluente do Muru (Prefeitura de Tarauaia)*. Rio de Janeiro, s/Ed., 1914, 2.<sup>a</sup> ed. em 1941, com estudo crítico de Koch-Grünberg.
- AGOSTINHO, P. *Kwari: mito e ritual no Alto Xingu*. São Paulo, E.P.U., Ed. da Universidade de São Paulo, 1974a.
- \_\_\_\_\_. *Mitos e outras narrativas Kamayurd*. Brasília, Universidade de Brasília, 1974b.
- \_\_\_\_\_. GRÜNBERG G. & SANTOS, S. C. dos. A selected bibliography for the study of discrimination against the indians in Brazil. In: *Dostal* (org.) 1972, p. 443-53.
- ANDRADE E SILVA, J. B. de. Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Brasil. In *Homenagem a José Bonifácio, no 88.<sup>o</sup> aniversário da Independência do Brasil*. Inauguração do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Regionais. Rio de Janeiro, 1910, p. 12-38.
- APOSTOLADO Positivista do Brasil, publicações do. *O Sientismo e a defesa dos indígenas brasileiros*. A propósito do artigo do Dr. Hermann von Ihering "Extermínio dos indígenas ou dos sertanejos", publicado no *Journal do Comércio* de 15 de dezembro de 1909. Rio de Janeiro, n.<sup>o</sup> 276. Por R. Teixeira Mendes, 1909.
- \_\_\_\_\_. *A civilização dos indígenas brasileiros e a política moderna*. A propósito de projetos neste assunto, atribuídos ao Dr. Rodolfo Miranda, Ministro da Agricultura. Rio de Janeiro, n.<sup>o</sup> 294, 1910a.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa dos selvagens brasileiros*. A propósito de pretendida reorganização do "Território do Acre" atualmente em discussão na Câmara dos Deputados, e a propósito das novas perseguições de que são e estão ameaçados de ser vítimas os míseros selvagens brasileiros, n.<sup>o</sup> 300, 1910b. Por R. Teixeira Mendes.
- \_\_\_\_\_. *A proteção republicana ao indígena brasileiro e a catequese católica dos mesmos indígenas*. Rio de Janeiro, 1912, n.<sup>o</sup> 341. Por R. Teixeira Mendes.
- ARNAUD, E. *Aspectos da legislação sobre os índios do Brasil*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1973. Publicações Avulsas n.<sup>o</sup> 22.
- AYTAI, D. A classificação da música Xavante. *Cartilha Etnomusicológica* n.<sup>o</sup> 2, abril, p. 3-10. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Museu de Antropologia, 1976a.
- \_\_\_\_\_. O mundo sonoro Xavante. Tese de Livre Docência. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mimeo, 1976b.
- \_\_\_\_\_. O Sistema tonal do canto Xavante. In: *Revista do Museu Paulista*, N. S. vol. 23, p. 67-85, 1976.
- BALDUS, H. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954.
- \_\_\_\_\_. Sinopse da bibliografia crítica da etnologia brasileira, 1952-1960. Arquivos do Instituto de Antropologia, I, n.<sup>o</sup> 2, Natal, 1960, p. 5-22. Versão inglesa em Keitzman (1967).
- \_\_\_\_\_. Métodos e resultados da ação indigenista no Brasil. In: *Revista de Antropologia* n.<sup>o</sup> 10, São Paulo, 1962, p. 24-42.
- \_\_\_\_\_. O xamanismo na aculturação de uma tribo Tupi no Brasil Central. *Revista do Museu Paulista*, N.S. XV, São Paulo, 1964, p. 319-27. Também em Schaden (1976), p. 445-62.
- \_\_\_\_\_. O xamanismo: sugestões para pesquisas etnográficas. In: *Revista do Museu Paulista*, N.S. XVI, São Paulo, 1965-66, p. 187-253.
- \_\_\_\_\_. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. 1968, vol. II. Hannover, Völkerkundliche Abhandlungen Bd IV.
- BAMBERGER, J. *Environment and cultural classification: A study of the Northern Kayapo*. 1967, Ph. D. Dissertation, Harvard University.
- \_\_\_\_\_. *The adequacy of Kayapo ecological adjustment*. Stuttgart, proceedings of the 38th International Congress of Americanists, 1971, vol. 3, p. 373-9.
- \_\_\_\_\_. *The myth of matriarchy: why men rule in primitive society*. Rosaldo, M. Z. e L. Lamphere (org.), *Women, Culture, and Society*. Stanford, Stanford University Press, 1974, p. 263-80.
- BARANDIARAN, D. de. Shamanismo Yekuana o Makiritare. Caracas, *Antropológica*, n.<sup>o</sup> 11, 1962, p. 61-90.
- BASSO, E. B. Xingu Carib Kinship terminology and marriage: another view. *South-western Journal of Anthropology*, 1970, vol. 26, p. 402-16.
- \_\_\_\_\_. *The Kalapalo Indians of Central Brazil*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1973.
- BASTOS, R. *Musico-lógicas Kamaiurá*. Tese de Mestrado da Universidade de Brasília, 1976.
- \_\_\_\_\_. Este autor tem vários trabalhos sobre música Kamaiurá na revista *Atualidades Indígenas*. FUNAI, 1977.
- BODARD, L. *Green hell*. New York, Ballantine, 1971.
- BOGGIANI, G. *Os caduveo*. Tradução A. Amaral Júnior. São Paulo, Biblioteca Histórica Brasileira, XIV, 1945 [1895].
- BONILLA, V. D. *Servants of God or Masters of men? The story of a Capuchin Mission in Amazonia*. London, Penguin, 1972.
- BROOKS, E.; FUERST, R.; HEMMING, J. & HUXLEY, F. *Tribes of the Amazon Basin in Brazil, 1972*. London & Tonbridge, Charles Knight & Co. Ltd., 1973.
- BRÜZZI, Alves da Silva, A. *A civilização indígena do Uaupés*. São Paulo, Linográfica Editora, 1962.
- BUTT, A. J. Birth of a Religion. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 1960, vol. 90, p. 66-106.
- \_\_\_\_\_. Réalité et idéal dans la pratique chamannique. *L'Homme*. Paris, setembro-dezembro, 1962, p. 5-52.
- \_\_\_\_\_. The Shaman's legal role. *Revista do Museu Paulista*, N.S. XVI, 1965-66, p. 151-86.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro, Edição Museu Nacional, Série Livros: I, 1960. Segunda edição com título *Do Índio ao Bugre*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- \_\_\_\_\_. *The Role of Indian Posts in the Process of Assimilation*. México, *América Latina*, 1960b, vol. 20, n.<sup>o</sup> 2, p. 89-95.
- \_\_\_\_\_. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964. Segunda Edição. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1972.
- \_\_\_\_\_. O Índio na Consciência Nacional. In: *Sociologia do Brasil Indígena*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965.

- Urbanização e tribalismo: A integração dos Índios Terena numa sociedade de classes. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- Identidade, etnia, e estrutura social. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1967.
- CARNEIRO, R. L. Slash-and-Burn agriculture: a closer look at its implications for settlement patterns. Em A. Wallace (ed.), *Men and Cultures: Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1960, p. 229-34.
- Slash and Burn cultivation among the Kuikuru and its implications for cultural development in the Amazon Basin. In: Wilbert, J. (org.). *The Evolution of Horticultural Systems in Native South America, Causes and Consequences: A Symposium*. Antropologia Suppl. 2., Caracas, Editora Sucre, 1961, p. 47-67. Também em Gross (1973).
- The transition from hunting to horticulture in the Amazon Basin. Tokio: *Proceedings of the 8th International Congress of the Anthropological and Ethnographical Society*, 1970, vol. 3, p. 249-55.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. M. Logique du Mythe et de L'Action: Le mouvement messianique Canela de 1963. *L'Homme: Revue Française d'Anthropologie*, 1973, vol. 13, canier 4, p. 5-37.
- Os Mortos e os Outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Kraho*. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1977. (Versão ampliada-prelo.)
- CARNEIRO DA CUNHA, P. Ó. Política e administração de 1640 a 1763. *História Geral da Civilização Brasileira*. Cap. 1, livro 1.º, vol. 2, t. I, São Paulo, DIFEL, 1960.
- CASTRO FARIA, L. de. *Pesquisas de Antropologia Física no Brasil — História, Bibliografia*. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n.º 13, 1952, p. 61-75.
- A arte animalista dos paleoameríndios do litoral do Brasil*. Rio de Janeiro, Publicações avulsas do Museu Nacional, n.º 26, 1959a.
- A figura humana na arte dos índios Karajás*. Rio de Janeiro, Publicações avulsas do Museu Nacional, n.º 26, 1959b.
- CHAGNON, N. *Yanomamô, the Fierce People*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968a.
- Yanomamô social organization and warfare*. In: M. Fried, M. Harris & R. Murphy (org.) *War: The anthropology of armed aggression*, Garden City: The Natural History Press, 1968b, p. 109-59.
- CIMI (Conselho Indigenista Missionário) *Boletim do CIMI*. Brasília: CIMI, 1971.
- CLASTRES, P. *Prophètes dans la jungle*. In: Clastres, 1974 [1970], p. 137-45.
- La société contre L'état*. Paris, Minuit, 1974.
- CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) *Igreja X Governo: Documentos oficiais do CNBB*, 1977. São Paulo, Editora Símbolo, Editora Extra, CNBB, 1977.
- COELHO, V. P. (org.) *Os alucinógenos e o mundo simbólico*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- COLBACCHINI & ALBISETTI. *Os Bororós orientais orarimogodógue do Planalto Oriental de Mato Grosso*. São Paulo, Brasiliana, série Grande Formato IV, 1942.
- COLETTE, J. R. Le labret en Afrique et en Amérique. *Bulletin de la Société des Americanistes de Belgique*, 1933, vol. 13, p. 5-61.
- CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS. *Catálogo Geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios*. Publicação n.º 96. Rio de Janeiro, 1946.
- DEWELL, A. *The Tribe that Hides from Man*. New York, Stein and Day, 1974.
- CROCKER, J. C. *The Social Organization of the Eastern Bororo*. Ph.D. Thesis, Harvard University, 1967.
- Mens's house associate among the Eastern Bororo. *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 25, 1969, p. 236-60.
- The dialectics of Bororo social inversions. Stuttgart: *Proceedings of the 38th International Congress of Americanists*, 1971, vol. 3, p. 387-91.
- CROCKER, W. *Extramarital sexual practices of the Ramkokamekra-Canela Indians: an analysis of socio-cultural factors*. 1964. Reprinted in Lyon (1974), p. 184-94.
- The Canela messianic movement: an introduction. Em H. Lent (org.). *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, 1967, Tradução em Português: Schaden (1976), p. 515-27.
- The Canela (Brazil) Taboo System: a preliminary exploration of an anxiety-reducing device. Stuttgart: *Proceedings of the 38th International Congress of Americanists*, 1971, vol. 3, p. 323-31.
- DA MATTA, R. A. Uma Breve Reconsideração da Morfologia Social Apinayé. Stuttgart: *Proceedings of the 38th International Congress of Americanists*, 1968, vol. 3, p. 355-64. Também em Schaden, 1976, p. 149-63.
- Mito e antimito entre os Timbira. *Comunicação I: Mito e Linguagem Social*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1970.
- Um Mundo Dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis, Vozes, 1976a.
- Quanto custa ser índio no Brasil? Considerações sobre o problema da identidade étnica. *Dados*, n.º 13, Rio de Janeiro, 1976b, p. 33-54.
- DAVIS, Shelton H. *Victims of the Miracle, Development and the Indians of Brazil*. Cambridge, Cambridge University Press, no prelo.
- DOBKIN DE RIOS, M. *Visionary Vine: Psychedelic Healings in the Peruvian Amazon*. San Francisco, Chandler, 1972.
- Some Relationships between Music and Hallucinogenic Ritual: The "Jungle Gym" in Consciousness. Los Angeles: *Ethos*, 1975, vol. 3, n.º 1, p. 64-76.
- DOLE, G. Shamanism and political control among the Kuikuru. In: Gross (org.) 1973, p. 294-307.
- DOSTAL, W. (org.) *The Situation of the Indian in South America: Contributions to the Study of Inter-Ethnic Conflict in the Non-Andean Regions of South America*. Geneva, World Council of Churches. Edição original: *La Situación del indígena en América del Sur: Aportes al estudio de la fricción interétnica en los indígenas no-andinos*. Montevideo, Terra Nueva, 1972.
- DOUGLAS, M. *Purity and Danger*. London, Routledge and Kegan Paul, 1966.
- Witchcraft Confessions and Accusations*. A.S.A. Monograph n.º 9. London, Tavistock, (org.) 1970.

- DOURADO, M. *A Conversão do Gentio*. Rio de Janeiro, Livraria S. José, 1958. Também publicado em 1968 por Edições de Ouro.
- FAORO, R. *Os donos do poder*. 2 ed., Porto Alegre, Editora Globo, 1975.
- FENELON COSTA, M. H. O realismo na arte Karajá. Recife: *Anais da III Reunião Brasileira de Antropologia*, 1959, p. 61-75.
- \_\_\_\_\_. A Arte e o Artista na Sociedade Karajá. Ms. Tese de concurso. Rio de Janeiro, 1968.
- \_\_\_\_\_. Arte Indígena e classificações primitivas. Brasília: *Cultura*, 1976, Ano V, n.º 21, p. 72-86.
- FERNANDES, F. Tendências teóricas da moderna investigação etnológica no Brasil. *Anhiembi*, 1956-7, n.ºs 72, 73 e 74. Também em *Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. Os Tupi e a reação tribal à conquista. S. B. de Holanda (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*, 1960, vol. I, p. 72-86. São Paulo, Difel. Reeditado em F. Fernandes. *Investigação Etnológica no Brasil e outros ensaios*, cap. I, Petrópolis, Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo, Difel, 1963.
- \_\_\_\_\_. *A função social de guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo, Pioneira, 1971 [1952].
- \_\_\_\_\_. Um balanço crítico da contribuição etnográfica dos cronistas. In: F. Fernandes: *Investigação Etnológica no Brasil e outros ensaios*, cap. V. Petrópolis, Vozes, 1975 [1958].
- FLORES, L. F. Baeta Neves. *O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro, 1974.
- FOCK, N. *Waiway — religion and society in an Amazonian tribe*. Copenhagen. National-museets Skrifter, Etnografisk R. VIII, 1963.
- FUERST, R. *Bibliography of the Indigenous Problem and Policy of the Brazilian Amazon Region (1957-1972)*. AMAZIND/IWGIA Document. Geneva. IWGIA Fredriksholms kanal 4 A. DK-1220, Copenhagen K. Dinamarca, 1972.
- FUNAI (Fundação Nacional do Índio). *Legislação*. Brasília, Ministério do Interior, 1975.
- FURST, P. J. (org.) *Flesh of the Gods: The ritual use of hallucinogens*. New York, Praeger Publishers Inc., 1974.
- GALVÃO, E. Cultura e sistema de parentesco das tribos do alto rio Xingu. Rio de Janeiro. *Boletim do Museu Nacional*, N. S., Antropologia 14, 1953.
- \_\_\_\_\_. Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém. N. S., Antropologia, 8: 1-41, 1960.
- \_\_\_\_\_. A Etnologia Brasileira nos últimos anos. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, N. S., XIV, 1963.
- GARCIA, R. *Ensaio sobre a história política e administrativa do Brasil (1500-1810)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- GIACCARIA, B & HEIDE, A. *Jeronimo Xavante conta — mitos e lendas*. Campo Grande, Publicação n.º 1 da "Casa de Cultura". Editora Dom Bosco, 1975. A Publicação n.º 2: *Jeronimo Xavante sonha — contos e sonhos*, de 1975, também vale citar.
- GIBSON, G. D. A bibliography of anthropological bibliographies: The Americas. Chicago, *Current Anthropology*, 1960, vol. 1, n.º 1, p. 61-73.
- GOLDMAN, J. *The Cubeo: Indians of the Northwest Amazon*. Urbana, University of Illinois Press, 1963.
- \_\_\_\_\_. Time, Space, and Descent: The Cubeo Example: Paper for Symposium on "Social Time and Social Space in Lowland South American Societies" of the 42th International Congress of Americanists. Paris, 1976.
- GREGOR, T. Privacy an extra-marital affairs in a tropical forest community. In: Gross (1973), p. 242-60.
- \_\_\_\_\_. Publicity, privacy, and Mehinacu marriage. *Ethnology*, 1974, vol. 13, p. 333-49.
- GROSS, D. (org.) *Peoples and cultures of native South America*. New York, Doubleday, 1973.
- \_\_\_\_\_. Protein capture and cultural development in the Amazon basin. *American Anthropologist*, 1975, vol. 77, n.º 3, p. 526-49.
- GUYOT, M. *Bibliografie américaniste*. Publications Musée de L'Homme. Paris, Musée de L'Homme, 1972.
- HANBURY-TENISON, R. *A question of survival for the Indians of Brazil*. New York, Scribners, 1973.
- HARNER, M. *The Jivaro: people of the Sacred Waterfalls*. New York, Doubleday, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Hallucinogens and Shamanism*. Oxford, Oxford University Press, (org.) 1973a.
- \_\_\_\_\_. Common themes in South American Indian Yagé experiences. In: Harner (org.) 1973, p. 155-75.
- \_\_\_\_\_. The Supernatural world of the Jivaro Shaman (1968). In: Gross (org.) 1973, p. 374-56.
- HUGH-JONES, S. *Male initiation and cosmology among the Barasana Indians of the Vaupés Area of Colombia*. Ph.D. Thesis, University of Cambridge, England, 1974.
- INDÍGENA. *Supysaua: a documentary report on the conditions of Indian peoples in Brazil*. Berkeley, Indigena, 1974.
- IWGIA. *Documents*. Copenhagen, The Secretariat of IWGIA.
- JACKSON, J. Recent ethnography of indigenous northern lowland South America. Em Siegal (org.) *Annual Review of Anthropology*, 1975, vol. 4, Palo Alto: Annual Reviews Inc., p. 307-40.
- JAQUITH, J. Bibliography of anthropological bibliographies of the Americas. México, *América Indígena*, 1970, vol. 30, n.º 2, p. 419-69.
- JAULIN, R. *La paix blanche: Introduction a l'ethnocide*. Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- JUNQUEIRA, C. *Os Kamayurá e o Parque Nacional do Xingu*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Mimeo, 1967.
- \_\_\_\_\_. *The Brazilian indigenous problem and policy: the example of the Xingu National Park*. Amazind/IWGIA Document n.º 13, (vide IWGIA Documents), 1973.
- \_\_\_\_\_. *Os Índios de Ipavu*. São Paulo, Ática, 1975.
- KAPLAN, J. Endogamy and the marriage alliance: a note on continuity in kindred based groups. London: *Man*, 1973, vol. 8, p. 555-70.
- KENSINGER, K. Cashinahua Medicine and Medicine Men. In: Lyon (org.) 1974, p. 283-88.
- KIEMEN, M. C. The Indian Policy of Portugal in America, with special reference to the old State of Maranhão, 1500-1755. Washington D.C.: *The Americas*, n.º 4, 1949, vol. V.
- \_\_\_\_\_. *The Indian policy of Portugal in the Amazon River, 1614-1693*. Washington D.C.: The Catholic University of America, 1954.

- KNOBLOCH, F. Geschichte der Missionen unter den Indianer-Stämmen des Rio Negro-Tales. Zeitschrift für Missionenwissenschaft und Religionswissenschaft 56, Heft 2, p. 81-97 (partes I a III); Heft 3, p. 172-85 (partes IV e V); Heft 4, p. 283-304 (parte VI). Münster, 1972.
- KOCH-GRÜNBERG, T. *Com Roraima zum Orinovo, Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*. Berlin, 1917.
- LA BARE, W. Hallucinogens and the shamanistic origins of religions, 1972. In: Furst (org.) 1974, p. 261-78.
- LABORDE, A. T. Pode-se pôr em dúvida o princípio missionário? *Revista de Antropologia*, 1969-72, vol. XVII-XX.
- LARAIA, R. 'Arranjos poliândricos' na sociedade Surui. São Paulo, *Revista do Museu Paulista*, N. S., 1963, vol. 14, p. 71-76.
- \_\_\_\_\_. O sol e a lua na mitologia Xinguana. *Comunicação-1: Mito e Linguagem Social*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1970.
- LARAIA, R. & DA MATTA, R. *Índios e Castanheiros: a empresa extractiva e os índios do médio Tocantins*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- LAVE, J. C. Social Taxonomy Among the Krikati (Je) of Central Brazil. Ph.D. Dissertation. Harvard University, 1967.
- \_\_\_\_\_. Social Structural implications of naming among the Krikati. New Orleans: Paper presented to the 68th annual meeting of the American Anthropological Association, 1969.
- \_\_\_\_\_. Some suggestions for the interpretation of residence, descent, and exogamy among the Eastern Timbira. Stuttgart: *Proceedings of the 38th International Congress of Americanists*, 1971, vol. 3, p. 341-45.
- LÉVI-STRAUSS, C. Le dédoublement de la représentation dans les arts de l'Asie et de l'Amérique. New York, *Renaissance*, II/III, 1944-5, p. 168-86. Também em Lévi-Strauss, 1970.
- \_\_\_\_\_. Les Structures sociales dans le Brésil central et oriental. In: S. Tax (org.) *Indian Tribes of Aboriginal America*. Chicago, Proceedings of the 29th International Congress of Americanist., 1952, p. 302-10. Também em Lévi-Strauss, 1970, p. 136-47.
- \_\_\_\_\_. *Tristes Tropiques*. Paris, Plon. *Tristes Tópicos*. Tradução de W. Martins. São Paulo, Editora Anhembi, 1955.
- \_\_\_\_\_. Les Organizations dualistes existen-elles? Em *Bijdragen tot de taal-, land-, en Volkenkunde van Nederlandisch-Indie*, 1956, vol. 112, p. 99-128. Também em Lévi-Strauss, 1970, p. 148-82.
- \_\_\_\_\_. On Manipulates Sociological Models. *Bijdragen tot de taal-, land-, en Volkenkunde van Nederlandisch-Indie*, 1960, p. 45-54. Também em Lévi-Strauss, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Le cru et le cuit*. Paris, Plon, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Du miel aux cendres*. Paris, Plon, 1966.
- \_\_\_\_\_. The social and psychological aspects of chieftainship in a primitive people: The Nambikwara. In: Cohen, S. & J. Middleton (orgs.) *Comparative Political Systems*. Garden City, The Natural History Press, 1967 [1944], p. 45-62.
- \_\_\_\_\_. *L'Origine des manieres de table*. Paris, Plon, 1968.
- \_\_\_\_\_. O feitiço e sua magia, 1970 [1949]. In: Lévi-Strauss, 1970, p. 183-203.
- \_\_\_\_\_. A eficácia simbólica, 1970 [1949]. In: Lévi-Strauss, 1970, p. 204-24.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, 1970.
- \_\_\_\_\_. *L'Homme nu*. Paris, Plon, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural II*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.
- LOWIE, R. & NIMUENDAJU. The Associations of the Shereute. *American Anthropologist*, 1939, vol. 41, p. 408-15.
- \_\_\_\_\_. The Dual Organization of the Ramikókamekra (Canella) of Northern Brazil. *American Anthropologist*, 1937, vol. 39, p. 565-82.
- LUKESCH, A. *Mito e vida dos índios Caiapés*. Tradução de Trude Arneitz von Laschan Solstein. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1976.
- LYON, P. *Native South Americans: Ethnology of the Least-Known Continent*. Boston & Toronto: Little, Brown, and Co. Inc. 1974.
- MAGALHÃES, B. de. *Expansão geográfica do Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2.ª ed., Brasília, 1935, vol. 45.
- MAGALHÃES, E. Quinze anos de lingüística indígena brasileira. *Língua e Literatura*. São Paulo, 1973, vol. 3, p. 251-78.
- \_\_\_\_\_. Bibliografia de lingüística indígena brasileira (1954-1974). *Língua e Literatura*, 1974, vol. 4, p. 149-84.
- MARCHANT, A. *Do escambo à escravidão*. Brasília, Vol. 225, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1943.
- MARTIUS, C. F. v. *Beitrag zur Ethnographie und Sprachkennde Amerika's zumal Brasiliens*. Leipzig, 1867.
- MAYBURY-LEWIS, D. The analysis of Dual Organizations: A Methodological Critique. *Bidragen tot de taal-, land-, en Vokenkunde van Nederlandisch-Indie*, 1960, vol. 116, p. 17-44.
- \_\_\_\_\_. *Akwé-Shavante Society*. Oxford, Clarendon Press, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Review of Mythologiques: du miel aux cendres*. *American Anthropologist*, vol. 71, p. 114-21.
- \_\_\_\_\_. *Dialectical Societies*. Cambridge, Harvard University Press. No prelo.
- MEGGERS, B. Environmental limitation on the development of culture. *American Anthropologist*, n.º 5, 1954, vol. 56, p. 801-24.
- \_\_\_\_\_. Environment and culture in the Amazon Basin: An appraisal of the teory of environmental determinism. In: *Studies in Human Ecology*, Social Science Monographs III, 1957, p. 71-89. Washington, Panamerican Union.
- \_\_\_\_\_. *Amazônia, a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1977.
- MELATTI, J. C. *Índios e criadores: a situação dos Krahó na área pastoril do Tocantins*, Monografias do I.C.S., n.º 3. Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais da U.F.R.J., 1967.
- \_\_\_\_\_. O mito e o xama. In: *Mito e linguagem social*, 1970, p. 65-76. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. Também in: Lyon, 1974.
- \_\_\_\_\_. *O sistema social Krdhó*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo. São Paulo, mimeo, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Índios do Brasil*, 2.ª ed., com revisão. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1972.
- \_\_\_\_\_. *O Messianismo Krahó*. São Paulo, Herder, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Ritos de uma tribo Timbira*. Brasília, mimeo, 1975.
- \_\_\_\_\_. Nominadores e genitores: um aspecto do dualismo Krahó. 1976 [1968]. In: Schaden (org.) 1976.

- \_\_\_\_\_. De Nóbrega a Rondon — Quatro séculos de política indigenista. *Atualidade Indígena*. Brasília, FUNAI, n.º 3, ano 1, 1977, p. 38-45.
- \_\_\_\_\_. & MELATTI, D. M., Relatório sobre os índios Marubo. Brasília, Fundação Universidade de Brasília, série Antropologia Social (13), mimeo, 1975.
- MELLO FRANCO, A. A. de. *O Índio brasileiro e a revolução francesa, as origens brasileiras da teoria da bondade natural*. Rio de Janeiro, Livraria J. Olympio Editora, Ministério da Educação e Cultura. Col. Documentos Brasileiros, 1976 [1937].
- MÉTRAUX, A. *La Religion des Tupinambá et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-guarani*. Paris, Bibliothèque de l'École Pratique des Hautes Études, Sciences Religieuses, XLV, 1928. Edição Brasileira: *A Religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos Tupi-guaranis*. Brasileira, vol. 276. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1950.
- \_\_\_\_\_. Le caractère de la conquête jésuitique. *Acta Americana* I, n.º 1, p. 69-82. México e Los Angeles, 1943.
- \_\_\_\_\_. Le shamanisme chez les Indiens de l'Amérique du Sud tropicale. México, 1944. *Acta Americana* II, p. 197-219, 320-41.
- MILLER, E. S. The Christian Missionary, agent of secularization. *Anthropological Quarterly*, 1970, vol. 43, p. 14-22.
- MONOD-BECQUELIN, A. *La Pratique Linguistique des Indiens Trumai*, vol. 2; *Les Aventures de Soleil et Lunes et d'autres mythes Trumai*. Paris, SELAF, 1975.
- MOREIRA NETO, C. Relatório sobre a situação atual dos índios Kayapó. São Paulo, in: *Revista de Antropologia*, 1956, vol. 7, p. 49-64.
- \_\_\_\_\_. A cultura pastoril do Pau d'Arco. Belém, in: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, N. S., Antropologia, n.º 10, 1960.
- \_\_\_\_\_. Constante histórica do 'indigenato' no Brasil. *Atas do simpósio sobre a Biota Amazônica*, 1967, vol. 2, p. 175-85.
- \_\_\_\_\_. *A política indigenista brasileira durante o século XIX*. Tese de doutoramento apresentada à Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, mimeo, 1971.
- MÜNZEL, M. Medizinmannwesen und Geistervorstellung bei den Kayayurá (Alto Xingu — Brasilien). Arbeiten aus den Seminar für Völkerkund der Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main, Band 2. Wiesbaden, Franz Steiner Verlag, 1971.
- MURPHY, R. Matrilocality and patrilineality in Mundurucu society. *America Anthropologist*, n.º 3, 1956, vol. 58, p. 414-34.
- \_\_\_\_\_. *Mundurucu Religion*. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, XLIX, n.º 1, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Headhunter's Heritage. Social and Economic Change Among the Mundurucu Indians*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1960.
- MURPHY, Y & MURPHY R. *Women of the Forest*. New York, Columbia University Press, 1974.
- NARANJO, C. Psychological aspects of the yagé experience in an experimental setting. In Harner (org.) 1973, p. 176-90.
- NAUD, L. M. C. Documentos sobre o índio brasileiro (1500-1822). 1.ª parte. In *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, Senado Federal, out.-dez., 1970, p. 437-523.
- NIMUENDAJU, C. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als grundlagen der Religion der Apapocuva-guarani. Berlin: *Zeitschrift für Ethnologie*, 1914, p. 284-403.
- \_\_\_\_\_. *The Apinayé*. Washington D.C.: Catholic University of America, Anthropological Series n.º 8, 1939. Reprinted by Anthropological Publications, Oosterhout, N. B., 1967.
- \_\_\_\_\_. *The Serente*. Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publications Fund, 1942, vol. 4. Los Angeles: The Southwest Museum Administrator of the Fund, Reprinted, 1967.
- \_\_\_\_\_. *The Eastern Timbira*. University of California Publications in America Archeology and Ethnology, 1946, vol. 41. Berkeley and Los Angeles: The University of California Press. Reprint edition, New York: Kraus Reprint Co., 1971.
- O'LEARY, T. *Ethnographic Bibliography of South America*. New Haven: Human Relations Area Files, 1963.
- \_\_\_\_\_. Ethnographie Bibliographies. In: NAROLL, R. & COHEN, R. (orgs.), *A Handbook of Method in Cultural Anthropology*. Garden City: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1970, p. 128-46.
- OLIVEIRA, H. *Coletânea de leis, atos e memórias referentes ao indígena brasileiro compilado pelo oficial administrativo L. Humberto de Oliveira, M. A.* Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, n.º 94, 1947.
- OTEN, C. M. (org.) *Anthropology and Art*. Garden City: The Natural History Press, 1971.
- PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Dominus, 1965.
- PINTO, E. *Bulletin bibliographique des principaux ouvrages ou essais, publiés a partir de 1935, concernant l'étude de l'anthropologie physique et culturelle du Brésil, 1935-1951*. Recife, Faculdade de Filosofia de Pernambuco, Universidade de Recife, 1952.
- QUEIROZ, M. V. de 'Cargo Cult' na Amazônia: Observações sobre o milenarismo Tukúna. *América Latina*, n.º 4, ano 6, 1963, p. 43-61.
- RADCLIFFE-BROW, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- RAMOS, A. R. Nomes pessoais e classificação social na sociedade Sanumá (Yanoama). Brasília, Fundação Universidade de Brasília, Série Antropologia-2.
- \_\_\_\_\_. How the Sanumá acquire their names. *Ethnology*, 1974a., vol. 13, p. 171-86.
- \_\_\_\_\_. Mundurucu: mudança social ou falso problema. Brasília: Fundação Universidade de Brasília. Série Antropologia n.º 10, 1974b.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. Rock Paintings of the Vaupés: an essay of interpretation. *Folklore Americas*, n.º 2, 1967, vol. 26, p. 107-13.
- \_\_\_\_\_. *Desana: simbolismo de los indios Tukano del Vaupés*. Bogotá: Universidade de Los Andes e Editorial Revista Colombiana Ltda., 1968. (Inglês: *Amazonian Cosmos*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.)
- \_\_\_\_\_. El misionero ante las culturas indígenas. *América Indígena*, 1972, vol. 32, p. 137-49.
- \_\_\_\_\_. The cultural context of an aboriginal hallucinogen: *Banisteriopsis Caapi*. Em Furst (org.) 1974, p. 84-113. Em tradução para o português em Coelho (org.) 1976, p. 59-104.
- \_\_\_\_\_. *The Shaman and the Jaguar: A Study of Narcotic Drugs Among the Indians of Colombia*. Philadelphia, Temple University Press, 1975.

- \_\_\_\_\_. Cosmology as ecological analysis: A view from the rain forest. London, *Man*, n.º 3, 1976, vol. 11, p. 307-18.  
n.d. Public lecture on Tukano Indian drawings. Los Angeles, 1975.
- REVISTA DE CULTURA VOZES. A Política Indigenista no Brasil. Petrópolis, *Revista de Cultura Vozes*, n.º 3, ano 70, 1976.
- RIBEIRO, D. *Religião e Mitologia Kadiuêu*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, n.º 106, 1950.
- \_\_\_\_\_. Culturas e línguas indígenas do Brasil. Educação e Ciências Sociais, vol. 2, n.º 6, novembro. Rio de Janeiro, 1957. Em inglês, trad. de Hopper, em Hopper, 1967, p. 77-166.
- \_\_\_\_\_. *A política indigenista brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, S.I.A., 1962.
- \_\_\_\_\_. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1970.
- RIBEIRO, D. & RIBEIRO, B. *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1957.
- RIVIÈRE, P. *Marriage among the Trio: A principle of Social Organization*. London, Oxford University Press, 1960.
- \_\_\_\_\_. Factions and exclusions in two South American village systems. 1970. In: Douglas (org.) 1970, p. 245-56.
- ROSS, E. B. Food taboos, diet, and hunting strategy: the adaptation to animals in Amazon cultural ecology. Para ser publicado em *Current Anthropology*, março de 1978.
- RYDÉN, S. A Study of South American Indian Hunting Traps. São Paulo, *Revista do Museu Paulista*, N.S., 1950, vol. 5, p. 247-352.
- SAHLINS, M. La premiere société d'abondance. *Les Temps Modernes*, n.º 268, 1968, p. 641-80. Versão ampliada em Inglês em M. Sahlins. *Stone Age Economics*. Chicago, Aldine.
- SANTOS, S. C. dos. *A integração do Índio na Sociedade Regional: A função dos Postos Indígenas em Santa Catarina*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis, Edeme, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Educação e sociedades tribais*. Porto Alegre, Editora Movimento, 1976.
- SCHADEN, E. *Aculturação Indígena*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Homem, cultura e sociedade no Brasil: seleções da Revista de Antropologia*. Petrópolis, Vozes (org.) 1972.
- \_\_\_\_\_. *Leituras da Etnologia Brasileira*. São Paulo, Companhia Editora Nacional (org.) 1976.
- SCHEFFLER, H & F. Lounsbury. *A Study in Structural Semantics: The Siriono Kinship System*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1971.
- SCHULTES, An overview of hallucinogens in the Western hemisphere. 1972. In: Furst (org.) 1972, p. 3-54.
- SEEGER, A. Nature and Culture and their Transformations in the Cosmology and Social Organization of the Suya, a Ge-Speaking Tribe of Central Brazil. Ph.D. Dissertation, The University of Chicago, 1974.
- \_\_\_\_\_. By Ge Out of Africa: Ideologies of Conception and Descent. Paper presented to the 74th Annual Meeting of the American Anthropological Association: mimeo, 1975.
- \_\_\_\_\_. The Meaning of Body Ornaments: A Suya Example. *Ethnology*, n.º 3, 1975, vol. 14, p. 211-24.
- \_\_\_\_\_. Physical Substance and Knowledge: Dualism in Suya Leadership. W. Kracke (org.) *Leaders and Leadership in Lowland South America*. No prelo.
- SEEGER, A. Porque os Índios Suya Cantam para as suas Irmãs. In: G. Velho (org.), *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- SHAPIRO, J. Sex Roles and Social Structure Among the Yanomama Indians of Brazil. Ph.D. Dissertation, Columbia University, 1972.
- SHAPIRO, W. Kinship and marriage in Siriono society: a re-examination. *Bijdragen Tot de Tall-, Land-, en Volkenkunde van Nederlandsch-Indië*, 1968, vol. 124, p. 40-55.
- SILVERWOOD-COPE, P. A Contribution to the Ethnography of the Colombian Makú. Ph.D. Dissertation, Cambridge University, 1972.
- SIMÕES, M. F. *Índice das fases arqueológicas brasileiras (1950-1971)*. Publicações Avulsas n.º 18, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1972.
- SIMONSEN, R. C. *História econômica do Brasil (1500-1820)*. Brasileira, grande formato, vol. 10. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962.
- SMOLE, W. *The Yanoama Indians. A cultural geography*. Austin and London: The University of Texas Press, 1976.
- SOARES, Diniz E. Convívio interétnico e aglutinação intergrupla. Uma visão da comunidade do Posto Indígena Gorotire. São Paulo, *Revista do Museu Paulista*, N. S. XIV, 1963, p. 213-20.
- SOUTHEY, R. *História do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1862.
- STAUFFER, D. H. Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios. São Paulo, *Revista de História*, 37, 42, 43, 44, 1956-60.
- STEINEN, K. v. d. *Durch Central-Brasilien*. Leipzig. Tradução em português "O Brasil Central". São Paulo, Brasileira, formato grande, 1886, vol. 3, São Paulo, Companhia Editora Nacional (1942).
- STEINEN, K. *Unter den Naturvölken Zentral-Brasilien*. Berlin, 1894. Edição Brasileira, *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Separata da *Revista do Arquivo*, n.ºs XXXIV-LVIII. São Paulo, 1940.
- STEWART, J. (org.) *Handbook of South American Indians*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin 143. 7 volumes. Washington D. C., 1946-59.
- TAVENER, C. The Karajá and the Brazilian frontier. 1973. Em Gross, 1973, p. 433-59.
- THOMAS, G. Die portugiesische Indianerpolitik in Brasilien 1500-1640. In: *Bibliotheca Ibero-Americana*, Bd. 10, Berlin, Colloquium Verlag, 1968, 239 p.
- TURNER, T. Social structure and political organization among the Northern Kayapo. Ph.D. Dissertation, Harvard University, 1966.
- \_\_\_\_\_. Tchikrin: a Central Brazilian tribe and its symbolic language of bodily adornment. New York, *Natural History*, 1968, vol. 78, p. 50-9.
- \_\_\_\_\_. Brazilian Statute of the Indian: Resolution 8. *Newsletter of the American Anthropological Association*, n.º 1, 1971a, vol. 12, p. 16.
- \_\_\_\_\_. Northern Kayapó Social Structure. Stuttgart: *Proceeding of the 38th International Congress of Americanists*, 1971b, vol. 3, p. 365-71.
- TYLOR, E. B. *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom*. London, J. Murray, 1871.

- VIDAL, L. *Put-Karôt, grupo indígena do Brasil Central*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo. 1972.
- . *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira*. São Paulo, Hucitec e Universidade de São Paulo, 1977.
- VIERTLER, R. B. *Os Kamayurá e o Alto Xingu. Análise do processo de integração de uma tribo numa área de aculturação intertribal*. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, 1969.
- . *As aldeias Bororó. Alguns Aspectos de sua Organização Social*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, Série de Etnologia, 1976, vol. 2.
- VILLAS BOAS, O. & VILLAS BOAS C. *Xingu: Os índios, seus mitos*. Rio de Janeiro, Zahar.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. *Indivíduo e sociedade no Alto Xingu: Os Yawalapiti*. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), 1977.
- WAGLEY, The effects of depopulation upon social organization as illustrated by the Tapirapé Indians, 1940. Em Lyon (1974), p. 373-76.
- . Cultural Influences in Population: a comparison of two Tupi tribes. *Revista do Museu Paulista*, N. S., 1951, vol. 5, p. 95-104.
- . & GALVÃO E. *Os Índios Tenetehara (Uma Cultura em Transição)*. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação, Ministério de Educação e Cultura, 1961.
- WASSEN, S. H. Estudo Etnobotânico de Material Tiahuanacóide. 1976a. Em Coelho (org.) 1976, p. 135-49.
- . Uma coleção de naturalista perdida com material etnográfico do Brasil, ou o caso de 1786. 1976b. Em Coelho (org.) 1976, p. 157-72.